

TESS GERRITSEN

A ESPIÃ

*Segredos antigos, casos
arquivados, novas ameaças:
o passado nunca dorme para
uma ex-agente da CIA*



A ESPIÃ



TESS GERRITSEN

TRADUÇÃO
NATHALIA RONDAN

A ESPIÃ



1

DIANA

Paris, dez dias atrás

Ela era a favorita. *Quando foi que as coisas mudaram*, pensou enquanto encarava o espelho. Seu cabelo, outrora cheio de reflexos naturais do sol, agora era de um tom que só poderia ser descrito como “cor de rato morto”. Era a cor de cabelo mais desinteressante que poderia se encontrar nas prateleiras da grande rede de supermercado francesa onde ela foi fazer compras depois de um vizinho dizer que um homem tinha perguntado por ela. Essa foi a primeira pista de que algo poderia estar errado, alguém estar procurando por ela, ainda que a explicação pudesse não ser nada de mais. Poderia ser um admirador, alguém fazendo uma entrega, mas não queria ser pega despreparada, então cruzou a cidade até um mercado em um bairro onde ninguém a conhecia, comprou tinta de cabelo e óculos escuros. Eram itens que ela costumava sempre ter, mas com o passar dos anos tinha ficado preguiçosa. Descuidada.

Ela se analisou morena e resolveu que a nova cor de cabelo não era o suficiente. Pegou uma tesoura de cabelo e começou a cortá-lo, destruindo o corte de trezentos euros que havia feito anteriormente. Cada tesourada era como um novo fiar para obter o tecido de sua nova vida, uma vida da qual ela tinha feito uma curadoria cuidadosa. Enquanto um chumaço de cabelo após o outro caía sobre o piso de azulejos do banheiro, ela continuava cortando, seu arrependimento logo se transformando em raiva. Tinha planejado, arriscado tudo e foi tudo em vão, mas o mundo era assim. Não importa quão esperto você se ache, sempre vai ter alguém que é mais, e esse tinha sido seu erro: não ter pensado na possibilidade de que alguém poderia acabar passando a perna nela. Por muito tempo *ela* foi a pessoa mais inteligente do grupo, a que sempre estava um passo à

frente e poderia deter os estratagemas de qualquer pessoa na equipe. O segredo para o sucesso era não deixar que as regras atrapalhassem, um método que nem sempre todo mundo gostava. Sim, às vezes ela cometia erros. Sim, acontecia de sangue inocente acabar sendo derramado sem necessidade. Ela ganhou muitos inimigos pelo caminho, e alguns dos seus colegas de trabalho agora a odiavam, mas graças a ela a missão sempre era cumprida. Era isso que a tinha tornado a favorita.

Até agora...

Analizou seu reflexo, dessa vez com a cabeça fria e um olhar crítico. Nos dez minutos que levou para cortar seus queridos cachos, passou por todos os estágios do luto pela vida perdida. Negação, raiva, depressão. Agora estava no estágio de aceitação e pronta para seguir em frente, deixar a casca da velha Diana para trás e dar vida a uma nova Diana. Não mais a favorita, e sim uma pessoa moldada pela experiência e transformada em aço temperado. Sobreviveria a isso também.

Varreu todo o cabelo caído para o lixo e jogou a caixa da tinta junto. Não teve tempo para esterilizar o lugar, então deixou muitos rastros de sua presença ali, mas não tinha jeito. Só lhe restava esperar que a polícia de Paris seguisse seus típicos instintos machistas e inferisse que a mulher que morava naquele apartamento e que agora estava desaparecida tinha sido sequestrada. A vítima, não a criminosa.

Colocou os óculos e despenteou o novo cabelo recém-cortado para ficar bagunçado. Era um disfarce bem sutil, mas devia ser o suficiente para despistar quaisquer vizinhos que encontrasse pelo caminho até sair. Amarrou o saco de lixo e levou do banheiro para o quarto, onde pegou a bolsa de viagem que já deixava pronta com itens essenciais. Uma pena ter que abandonar todos os seus lindos vestidos e sapatos, mas não podia levar muita coisa, e também deixar para trás um armário cheio de roupas de grife faria seu sumiço parecer mais involuntário. Assim como deixar toda a arte que ela colecionou ao longo dos anos, quando suas contas bancárias eram gordas: os vasos chineses antigos, a pintura de Chagall, o busto romano de dois mil anos. Sentiria falta de tudo, mas sacrifícios precisavam ser feitos caso quisesse sobreviver.

Carregando a bolsa de viagem e o saco de lixo com as mechas de cabelo, saiu do quarto e foi para a sala. Lá, soltou outro suspiro pesaroso. Manchas repugnantes de sangue cobriam o sofá de couro e subiam pelas paredes até o Chagall pendurado, como se fossem uma extensão de arte abstrata da pintura em si. Amarrotada embaixo do Chagall estava a fonte daquele sangue. O homem tinha sido o primeiro que a atacou depois de passar pela porta, e então foi o primeiro que ela despachou. Era o típico homem viril cujas horas na academia

tinham lhe proporcionado bíceps salientes, mas não um cérebro. Não era assim que ele planejava terminar o dia e morreu com uma expressão de surpresa estampada no rosto, bem provável que não esperasse que uma mulher seria páreo para ele.

Deve ter sido mal-informado quanto ao seu alvo.

Ela ouviu uma respiração bem baixinha atrás dela e se virou para olhar para o segundo homem. Estava na ponta do seu precioso tapete persa, o sangue dele se infiltrando pelo desenho complexo de videiras e tulipas. Para sua surpresa, ainda estava vivo.

Caminhou até o homem e balançou o ombro dele com o sapato.

Os olhos dele se estatelaram. Ele a encarou e se esgueirou tentando alcançar sua arma, mas ela já a tinha chutado para longe e só lhe restava bater a mão no chão feito um peixe prestes a morrer afogado em seu próprio sangue.

— *Qui t'a envoyé?* — ela perguntou.

A mão dele se agitou de forma mais frenética. A bala que ela atirou no pescoço deve ter lesionado a coluna e seus movimentos eram espasmódicos, seus braços se remexiam de um jeito robótico. Talvez ele não falasse francês. Ela repetiu a pergunta, dessa vez em russo: *Quem te enviou?*

Não viu qualquer indicação nos olhos dele de que tivesse entendido. Ou estava prestes a apagar e por isso seu cérebro não estava funcionando, ou então não entendeu. Nos dois casos, aquilo era preocupante. Ela sabia bem como lidar com os russos, mas se não foram eles que mandaram esses homens, isso poderia ser um problema.

— Quem está tentando me matar? — ela perguntou, dessa vez em inglês.
— Se me disser, deixo você viver.

O braço dele parou de se mover. Ele ficou imóvel, mas ela viu pelos olhos dele que tinha entendido. Ele sabia o que ela tinha perguntado. Também sabia que não importava se dissesse a verdade, de qualquer jeito seria um homem morto.

Ela ouviu vozes do corredor em frente ao seu apartamento. Tinham mandado reforços? Já tinha demorado demais ali, não tinha mais tempo para interrogar esse cara. Apontou o silenciador e atirou duas vezes na cabeça dele. *Boa noite.*

Não levou mais do que alguns segundos para pular pela janela e então alcançar a escada de emergência. O último olhar para o seu apartamento foi agridoce. Lá ela tinha encontrado um pouco de felicidade e aproveitado os frutos merecidos do seu trabalho. Agora o lugar era um abatedouro, o sangue de dois desconhecidos manchando as paredes.

Ela pulou da escada de emergência para a rua. Mesmo às onze da noite as ruas de Paris ainda estavam cheias e ela se misturou com facilidade aos

pedestres caminhando pela avenida movimentada. Ouviu sirenes de polícia a distância, e então cada vez mais perto, mas não apertou o passo. Teria sido rápido demais, as sirenes não tinham nada a ver com ela.

Depois de uns cinco quarteirões, jogou o saco de lixo na caçamba de um restaurante e continuou andando, a bolsa de viagem pendurada no ombro. Nela estava tudo de que precisava por ora e ela tinha outros recursos. Tinha mais que o suficiente para começar de novo.

Antes de mais nada, precisava descobrir quem a queria morta. Infelizmente, eram várias as possíveis respostas. Primeiro achou que eram os russos, mas agora não tinha mais certeza. Quando você irrita várias facções, acaba com muitos inimigos, cada um com seu próprio talento para a violência. A questão era: como o nome dela tinha vazado? E por que, depois de dezesseis anos, estavam atrás dela?

Se sabiam o nome dela, então devem saber o dos outros também. Pelo visto o seu passado estava prestes a voltar à tona.

Adeus, aposentadoria tranquila. Era hora de voltar ao trabalho.

2

MAGGIE

Purity, Maine, agora

Alguma coisa morreu aqui.

Fico parada no meu terreno, encarando a evidência de um massacre na neve. O assassino arrastou a vítima pela neve fresca, e ainda que o amontoado silencioso de flocos continue a cair, ainda não cobriu seus rastros ou os sulcos feitos pela carcaça morta enquanto era puxada em direção à floresta. Vejo uma mancha de sangue, penas espalhadas e pedaços de penugem preta trepidando ao vento. É só o que sobrou de uma das minhas araucanas favoritas, que eu adorava pela sua produção confiável de lindos ovos azuis. Ainda que a morte seja apenas um ponto no círculo maior da vida, e eu já a vi muitas vezes, essa perda em particular é um baque para mim e suspiro, minha respiração sai rodopiando pelo frio.

Olho pela cerca para ver o que sobrou do meu bando, do qual agora restam somente três dúzias de galinhas, dois terços dos cinquenta pintinhos que criei na primavera passada. Passaram-se apenas duas horas desde que abri a porta do galinheiro e os soltei para o dia e, nesse breve intervalo de tempo, o predador os atacou. Tenho um último galo, o único que sobreviveu aos vários ataques de águias e depredações de guaxinins, e ele agora se pavoneia pelo recinto, com todas as penas da cauda intactas, parecendo não se importar com a perda de mais uma de seu harém. Que galo inútil.

Muitos deles são.

Quando me levanto, um lampejo chama minha atenção e olho para o bosque que se estende além da cerca do galinheiro. As árvores são, em sua maioria, carvalhos e bordos, com alguns abetos que se debatem à sombra de seus vizinhos dominantes. Quase escondido na vegetação rasteira, há um par de olhos

me observando. Por um momento, ficamos nos encarando, dois inimigos se enfrentando em um campo de batalha nevado.

Devagar, me afasto do meu galinheiro móvel. Não faço movimentos bruscos nem emito nenhum som.

Meu inimigo me observa o tempo todo.

Escuto a grama congelada sendo esmagada sob minhas botas enquanto me aproximo do meu carro. Sem fazer barulho, abro a porta e pego minha espingarda escondida atrás dos assentos. Está sempre carregada, então não preciso perder tempo pegando munição e colocando as balas. Viro o cano na direção das árvores e miro.

Meu tiro estala, alto como um trovão. Corvos assustados saem das árvores e voam desesperados para o céu, e minhas galinhas, grasnando, correm em pânico para a segurança do galinheiro. Abaixo a espingarda e olho para as árvores, examinando a vegetação rasteira.

Nada se mexe.

Dirijo o carro pelo campo até a borda da floresta e saio. A vegetação rasteira está repleta de espinheiros, e a neve esconde uma camada de folhas mortas e galhos secos. Cada passo que dou provoca um estalo explosivo. Ainda não vi sangue, mas tenho certeza de que o encontrarei, sempre sabemos — de alguma forma, sentimos em algum lugar dentro de nós — quando a bala atinge o alvo. Finalmente, vejo a prova de que minha mira foi certa: um leito de folhas salpicado de sangue. A carcaça mutilada da minha galinha araucana está abandonada onde o assassino a deixou.

Adentro a vegetação rasteira, afastando os galhos que se enroscam nas minhas calças e arranham meu rosto. Sei que está aqui em algum lugar, se não estiver morto, está com um ferimento grave. Consegui fugir para mais longe do que eu esperava, mas continuo adiante, com o vapor da minha respiração saindo em espiral. Nos velhos tempos, eu poderia correr por essa floresta, mesmo com uma mochila pesada nas costas, mas não sou mais a mesma de antes. Minhas articulações foram desgastadas pelo uso cruel e pela passagem inexorável do tempo, e uma aterrissagem difícil de um salto de paraquedas me deixou com um pino cirúrgico no tornozelo, que dói sempre que a temperatura cai ou o barômetro desce. Meu tornozelo está doendo agora. O envelhecimento é um processo cruel. Enrijeceu meus joelhos, deixou meus cabelos, antes pretos, grisalhos e aprofundou os sulcos em meu rosto. Mas minha visão ainda é aguçada e não perdi a capacidade de analisar a paisagem, de interpretar as pistas na neve. Eu me agacho sobre a marca de uma pata e noto a mancha de sangue nas folhas.

O animal está sofrendo. Isso é culpa minha.

Eu me levanto. Meus joelhos e quadris protestam, ao contrário dos dias em que eu podia pular de um carro esportivo apertado e sair correndo. Passo por arbustos de amora e chego a uma clareira, onde enfim localizo meu inimigo, deitado imóvel na neve. Uma fêmea. Ela parece saudável e bem nutrida, seu pelo grosso é de um avermelhado brilhante. Sua boca está aberta, revelando dentes afiados e mandíbulas poderosas o suficiente para cortar a garganta de uma galinha e quebrar seu pescoço. Minha bala a atingiu em cheio no peito, me surpreende ela ter conseguido chegar até aqui antes de sucumbir. Cutuco o corpo com a bota, só para ter certeza de que está morta. Embora esse problema específico tenha sido resolvido, tirar a vida da raposa não me dá nenhuma satisfação. Quando solto a respiração, meu suspiro é o som do arrependimento.

Aos sessenta anos de idade, já estourei minha cota de arrependimentos.

A pele é valiosa demais para ser deixada aqui na floresta, então pego a raposa pela cauda. Ela vinha se alimentando bem, comendo minhas galinhas, e está tão pesada que tenho que arrastá-la para fora da floresta, com seu corpo abrindo uma vala pelas folhas mortas e pela neve. Eu a levanto e a coloco na caçamba do carro, a carcaça cai com um baque triste. Embora eu não tenha o que fazer com a pele, conheço alguém que ficará encantado com ela.

Subo no carro e dirijo pelo campo até a casa do meu vizinho.

LUTHER YOUNT GOSTA DE CAFÉ QUEIMADO, E POSSO SENTIR O CHEIRO DA entrada da sua garagem quando saio do carro. Daqui, posso ver o campo coberto de neve até minha própria casa, que fica em uma colina em meio a uma colunata cheia de bordos de açúcar. Minha casa não é enorme, mas está inteira, construída em 1830, segundo a corretora de imóveis que a vendeu para mim. Sei que a informação está correta, já que encontrei a escritura original. Só acredito naquilo que eu mesma posso confirmar. Minha casa tem uma vista nítida em todas as direções e, se alguém se aproximar, eu verei, ainda mais em uma manhã clara de inverno, quando a paisagem é crua e branca.

Ouçõ o mugido de uma vaca e o cacarejo de galinhas. Um conjunto de pegadas de botas pequenas segue pela neve, indo do chalé de Luther em direção ao celeiro. Sua neta de catorze anos, Callie, deve estar lá dentro, cuidando dos animais, como faz todas as manhãs.

Subo os degraus da varanda e bato na porta. Luther abre e sinto o cheiro de café que ficou tempo demais no fogão. Ele ocupa o batente todo, um Papai Noel de barba branca, camisa xadrez vermelha e suspensórios, sua respiração ruidosa por causa da fumaça da floresta e do estado sempre empoeirado do chalé.

— Muito bom dia, senhorita Maggie — ele diz.

— Bom dia. Trouxe um presente para você e Callie.

— Presente de quê?

— De nada. Só achei que poderia ser útil para vocês. Tá no carro.

Ele não se dá ao trabalho de vestir um casaco, em vez disso sai com sua camisa de lã, jeans azul e galochas. Ele me segue e murmura de admiração ao olhar para a raposa morta e então acaricia seu pelo.

— Uma belezinha. Então foi esse o tiro que ouvi essa manhã. Matou ela com uma bala só?

— Ela ainda conseguiu fugir por uns cinquenta metros pela floresta.

— Deve ser a mesma que matou duas galinhas de Callie. Bom trabalho.

— Mesmo assim, é uma pena. A raposa só estava tentando sobreviver.

— E não é isso o que todo mundo está fazendo?

— Achei que pudesse fazer alguma coisa com a pele.

— Tem certeza de que não quer ficar com ela? É bem bonita.

— Não, você sabe exatamente o que fazer com ela.

Ele estica a mão até a caçamba da pequena caminhonete e puxa a carcaça para fora. O esforço deixa sua respiração ainda mais alta.

— Entra — ele diz, embalando o animal morto como se fosse um neto. — Acabei de fazer café.

— Hm, obrigada, fica pra outra hora.

— Então pelo menos leva um pouco de leite fresco.

Isso com toda a certeza é bem-vindo. O leite da vaca de Callie alimentada com capim é diferente de tudo o que eu já havia provado antes de me mudar para o Maine, rico e doce o suficiente para valer o risco de bebê-lo não pasteurizado. Eu o acompanho até sua casa, onde ele deixa a carcaça da raposa em um banco. O chalé com péssimo isolamento térmico é só um pouco mais quente por dentro do que o lado de fora, mesmo com o calor do fogão a lenha, ainda assim tiro meu casaco. Luther parece bem confortável apenas com camisa e calça jeans. Não quero café, no entanto ele coloca duas canecas na mesa da cozinha. Seria grosseria recusar o convite.

Eu me sento.

Luther me entrega uma jarra de creme. Ele sabe como gosto do meu café — ou, pelo menos, a única maneira que consigo tolerar o café dele — e também sabe que não resisto ao creme da vaquinha de Callie. Nos dois anos que se passaram desde que me mudei para a propriedade vizinha, sem dúvida ele obteve vários detalhes a meu respeito. Ele sabe que apago as luzes todas as noites por volta das dez horas, que acordo cedo para dar comida e água às galinhas.

Sabe que sou novata na extração de madeira de bordo, que sou muito reservada e que não dou festas barulhentas. E hoje ele aprendeu que atiro bem. Ainda tem muita coisa que ele não sabe, coisas que nunca lhe contei. Coisas que nunca contarei. Sou grata por ele não ser o tipo de homem que faz muitas perguntas. Valorizo um vizinho discreto.

Já eu, em contrapartida, sei muito a respeito de Luther Yount. Não é difícil captar a essência do homem só de olhar em volta da casa dele. As estantes de livros são feitas à mão, assim como a mesa de cozinha de madeira rústica; feixes de tomilho e orégano secos, ambos cortados de sua horta, estão pendurados na viga do teto. Ele também tem livros — muitos e muitos livros, de uma variedade confusa de tão ampla em assuntos, desde física de partículas até criação de animais. Alguns dos livros didáticos levam seu nome como autor, evidência da encarnação anterior de Luther Yount como professor de engenharia mecânica, antes de pedir demissão do corpo docente do MIT. Antes de deixar para trás os acadêmicos e a cidade de Boston, e talvez alguns demônios pessoais também, para se refazer como esse fazendeiro desarrumado, mas feliz. Sei tudo isso não porque ele tenha me contado, mas porque me informei a fundo do seu histórico, como fiz com todos os meus vizinhos próximos, antes de comprar minha fazenda, Blackberry Farm.

Luther foi aprovado na inspeção. É por isso que fico muito à vontade sentada à mesa da cozinha dele tomando café.

Ouçó um bater de botas na varanda e a porta se abre, deixando entrar uma rajada de ar frio junto com Callie, de catorze anos. Luther a está educando em casa e, como resultado, ela tem um certo encanto selvagem de uma forma que a torna mais sábia e mais ingênua do que as outras meninas de sua idade. Como o avô, ela é desgrenhada de um jeito sereno, com seu casaco de celeiro manchado e penas de galinha perdidas presas no cabelo castanho. Ela traz duas cestas com ovos recém-colhidos, que coloca no balcão da cozinha. Seu rosto está tão corado por causa do frio que as bochechas parecem ter sido esbofeteadas.

— Oi, Maggie — ela diz enquanto pendura o casaco.

— Olha só o que ela trouxe pra gente — Luther diz.

Callie olha para a raposa morta deitada no banco e passa a mão sobre o pelo. Ela não demonstra nenhuma hesitação, nenhum receio. Ela passou a maior parte da vida com Luther, desde que a mãe morreu de overdose de heroína em Boston, e a vida na fazenda a ensinou a não se surpreender com a morte.

— Ah... Ainda está quente — ela diz.

— Trouxe direto pra cá — digo. — Achei que você e seu avô pudessem fazer alguma coisa legal com ela.

Seu rosto fica radiante de alegria:

— A pele é tão linda. Obrigada, Maggie! Acha que dá pra fazer um chapéu?

— Acho que sim — diz Luther.

— Sabe fazer um chapéu, vô?

— Vamos pesquisar e descobrir juntos. Não podemos desperdiçar essa beleza, né?

— Quero ver como vai fazer, Luther — eu digo.

— Quer ver como faço para tirar a pele também?

— Não, isso já sei.

— Sabe? — Ele ri. — Você está sempre me surpreendendo, senhorita Maggie.

Callie coloca as cestas de ovos na pia. Com a torneira aberta, ela começa a limpar os ovos com um pano para que eles fiquem impecáveis nas caixas. Na cooperativa local, eles serão vendidos por sete dólares a dúzia, o que é uma pechincha para ovos orgânicos caipiras, tendo em vista todo o trabalho que dá, a alimentação e a luta perpétua com lincês, raposas e guaxinins. Não que Luther e Callie dependam da venda de ovos para o sustento, porque Luther tem uma boa quantia investida. Esse é outro pequeno detalhe a respeito dele que consegui descobrir. Essas são as galinhas e os ganhos de Callie, e ela já é uma ótima mulher de negócios. Nunca conheci uma garota de catorze anos que conseguisse abater e estripar com tanta eficiência uma velha galinha poedeira.

— É triste que você tenha que atirar nela, mas eu também já perdi muitas das minhas galinhas — diz Callie.

— Algum outro predador vai acabar vindo pra cá — diz Luther. — É assim que o mundo é.

Callie olha para mim:

— Quantas você perdeu?

— Meia dúzia só na semana passada. A raposa levou uma das minhas araucanas esta manhã.

— Talvez eu devesse comprar algumas araucanas. Os clientes parecem gostar desses ovos azuis. Acho que poderia cobrar mais por eles.

Luther grunhiu:

— Ovos azuis, ovos marrons. Todos têm o mesmo gosto.

— Bem, acho que já vou indo — digo e me levanto.

— Mas já? — diz Callie. — Nem conversamos direito.

É raro uma menina da idade dela querer conversar com uma mulher da minha idade, mas Callie não é uma garota comum. Ela fica tão à vontade na companhia de adultos que às vezes me esqueço de como é jovem.

— Quando seu avô começar a costurar o chapéu de raposa eu volto — digo.

— Vou fazer frango e bolinhos pro jantar.

— Então vou voltar com certeza.

Luther toma o resto do café e se levanta também:

— Espera, vou pegar o leite que prometi. — Ele abre a geladeira, fazendo as garrafas de leite de vidro nas prateleiras internas tilintarem de um jeito quase musical. — Se não fossem essas malditas regulamentações sanitárias, podíamos vender nosso leite na barraca da fazenda. Ia ser um dinheiro fácil.

Dinheiro de que ele não precisa. Algumas pessoas gostam de ostentar sua riqueza, mas Luther parece envergonhado da dele. Ou talvez seja uma tática para se proteger, esconder o que os outros podem querer tirar de você. Ele pega quatro garrafas de vidro de leite, cada uma coberta por uma espessa camada de creme, e as coloca em uma sacola.

— Da próxima vez que alguém passar na sua casa, Maggie, dê um pouquinho disso pra ele. Depois, manda virem aqui comprar mais. Só uma venda particular, é claro. Para o estado do Maine não vir encher nosso saco.

Já estou na porta com meu leite que tanto adoro quando processo o que ele acabou de me dizer. Me viro de volta para ele:

— Como assim, da próxima vez?

— Ninguém foi te visitar ontem?

— Não.

— Humpf. — Ele olha para Callie. — Vai ver você ouviu errado.

— Ouviu o que errado? — pergunto.

— Tinha uma mulher lá no correio — Callie diz. — Fui pegar nossa correspondência quando ouvi o chefe do correio explicando como chegar à Blackberry Farm. Ela disse que era sua amiga.

— Como ela era? Jovem, velha? Que cor era o cabelo dela?

Minhas perguntas rápidas parecem deixar Callie surpresa:

— Hum, ela era jovem, eu acho. E bem bonita. Não vi o cabelo porque ela estava usando um chapéu. E uma jaqueta puffer bonita. Azul.

— Não falou pra ela como chegar, falou?

— Não, mas o Greg no correio falou. Algum problema?

Não sei a resposta. Fico parada na porta aberta, segurando minha sacola com as garrafas de leite, o ar frio passando por mim:

— Eu não estava esperando ninguém. Não gosto de surpresas, só isso — digo e saio da casa deles.

Algum problema?

A pergunta ainda me deixa nervosa quando, mais tarde, dirijo até a cidade para comprar algumas coisas de que preciso. Quem está perguntando como

chegar à minha fazenda? Pode ser uma pergunta normal, feita por alguém procurando a antiga proprietária, sem saber que a mulher faleceu há três anos, aos oitenta e oito anos. Ela era, segundo todos os relatos, muito conhecida por sua inteligência e mau humor. O tipo de mulher de quem eu teria gostado. Esse *seria* o motivo mais lógico para um visitante perguntar da fazenda, já que não tem por que alguém vir me procurar aqui. Nos dois anos desde que me mudei para Purity, no Maine, ninguém apareceu aqui.

E prefiro que continue assim.

Na cidade, vou aos lugares de sempre: na loja de ração, correio, supermercado. Todos locais em que sumo na multidão de outras mulheres de cabelos grisalhos, todas agasalhadas com casaco e cachecol. Assim como elas, é raro que eu chame a atenção de alguém. Junto da idade vem o anonimato, o que torna esse o disfarce mais eficaz de todos.

Na mercearia do vilarejo, passo despercebida enquanto levo o carrinho para cima e para baixo pelos corredores estreitos, pegando aveia, farinha, batatas e cebolas. Ovos, pelo menos, eu nunca precisarei comprar. A sessão de bebidas alcoólicas nessa pequena cidade é lamentável, mas tem duas marcas diferentes de uísque puro malte e, mesmo sem gostar muito de nenhuma delas, pego uma garrafa. Estou tentando preservar meu estoque de Longmorn trinta anos e não sei quando vou conseguir comprar mais.

Quando estou na fila esperando para passar as compras, poderia ser confundida com outra agricultora, dona de casa ou professora aposentada. Durante anos, ensinei a mim mesma a não me destacar, a não chamar a atenção, e agora nem preciso me esforçar para isso, o que é triste, mas também um alívio. Às vezes, sinto falta dos dias em que era notada, dos dias em que usava saias curtas e saltos altos e podia sentir os olhares dos homens em meu corpo.

A operadora do caixa me entrega a conta e, em seguida, dá uma outra olhada quando vê a minha conta:

— Vai dar... nossa... Duzentos e dez dólares. — Ela olha para mim, como se esperasse que eu contestasse, mas não faço nada. É por causa do uísque. Nem é meu favorito, mas algumas coisas na vida são necessárias.

Pago e levo as sacolas para fora. Estou as colocando na picape quando vejo Ben Diamond com sua jaqueta de couro preta de sempre. Ele está prestes a entrar no Marigold, um café na rua da frente. Se tem alguém que sempre sabe de tudo é Ben. Ele deve saber quem estava atrás de mim.

Atravesso a rua e sigo Ben até o Marigold.

Logos de cara o vejo sentado com Declan Rose numa mesa de canto. Como de costume, os dois se sentam de frente para a entrada, um hábito

do qual não conseguem se livrar, mesmo aposentados. Declan parece o professor de história que costumava ser, com paletó xadrez e sua bela juba de cabelo de leão. Aos sessenta e oito anos, o cabelo, antes preto, está um pouco grisalho, mas ainda continua volumoso como quando o conheci, há quase quatro décadas. Ao contrário do professoral Declan, Ben Diamond parece um pouco perigoso, com a cabeça raspada e jaqueta de couro preta. Só quem tem uma presença de líder inato conseguiria se safar com um visual desse aos setenta e três anos, mas Ben ainda o tem. Quando vou até a mesa deles, ambos erguem o olhar.

— Ah, Maggie! Junte-se a nós — diz Declan.

— Faz tempo que não te vejo. O que tem feito? — pergunta Ben.

Deslizo para a mesa deles:

— Tive um problema com uma raposa para resolver.

— Suponho que a raposa já esteja morta.

— Morreu esta manhã. — Ergo os olhos quando a garçonete passa. — Café, por favor, Janine.

— Cardápio? — ela pergunta.

— Hoje não, obrigada.

Ben está me observando. Ele tem um talento para analisar pessoas, e deve ter percebido que tem um motivo para eu ter me sentado com eles hoje. Espero até que Janine esteja longe o suficiente para não conseguir ouvir e então faço minha pergunta a eles.

— Quem está me procurando?

— Tem alguém te procurando? — pergunta Declan.

— Uma mulher, alguém que acabou de chegar à cidade. Ouvi dizer que ela estava no correio ontem, perguntando como chegar à Blackberry Farm.

Eles se entreolham e depois se voltam para mim:

— Acabei de ficar sabendo disso, Maggie — diz Ben.

Janine traz meu café. É fraco, mas pelo menos não está queimado como o de Luther. Esperamos até que ela se afaste para voltar a falar. É só uma questão de hábito para nós. O motivo pelo qual eles sempre escolhem essa mesa é que ela parece um lugar afastado e seguro, longe de ouvidos curiosos.

— Está preocupada com isso? — pergunta Declan.

— Não sei se deveria estar.

— Ela disse seu nome? Ou só o nome da fazenda?

— Só o da fazenda. Vai ver não é nada. Como ela ia saber que sou eu quem mora lá?

— Se eles quiserem muito, conseguem descobrir qualquer coisa.

Paramos quando dois clientes se levantam da mesa e passam por nós, rumo ao caixa. O silêncio me dá a chance de pensar nas palavras de Declan. *Se eles quiserem muito*. Hoje em dia estou contando com isso, que não vale a pena se dar ao trabalho de me encontrar. Sempre tem peixes maiores para pegar, e eu sou só um peixinho. Quem sabe um peixe de tamanho médio. Por que se dar ao trabalho de procurar uma mulher que não quer ser encontrada? Nos dezesseis anos que se passaram desde a minha aposentadoria, baixei a guarda aos poucos. Agora estou tão acostumada a ser uma criadora de galinhas de cidade pequena que comecei a acreditar que isso é tudo o que sou. Do mesmo jeito que Ben é só um vendedor aposentado de suprimentos para hotéis, e Declan apenas um professor de história aposentado. Sabemos a verdade, mas guardamos os segredos uns dos outros, porque cada um tem os próprios segredos para guardar.

Chantagem mútua leva à segurança.

— Vamos ficar de olho — diz Ben. — Descobrir quem é essa mulher.

— Eu agradeço, obrigada. — Deixo dois dólares na mesa para pagar o café.

Declan diz:

— Vai ao clube de leitura hoje à noite? Faz dois meses que você não vai. Sentimos sua falta.

— Que livro vocês estão discutindo?

— *As viagens de Ibn Battuta*. Foi Ingrid que escolheu — diz Ben.

— Já li esse.

— Então pode nos contar o que achou — diz Declan —, porque Ben e eu não fizemos a lição de casa. O encontro será na casa de Ingrid e Lloyd hoje à noite. Às seis horas. Com alguns martínis em mãos, talvez possamos pular a discussão do livro e irmos direto para as fofocas locais. Podemos contar com sua presença?

— Vou pensar.

— Isso lá é resposta que se dê? — Ben rosna. Ele está tentando me intimidar para eu ir. Sempre me perguntei se esse jeito de gângster dele realmente funcionava quando estava em campo. Ele com certeza nunca me botou medo.

— Tá bem, eu vou — digo.

— E eu vou colocar sua vodca favorita para gelar — diz Declan.

— Belvedere.

Declan ri:

— Poxa, Mags. Achou mesmo que me esqueceria desse detalhe? — É claro que ele conhece minha vodca preferida. Por trás do belo cabelo de Declan tem um cérebro detalhista e um talento para idiomas estrangeiros que o levou a ser fluente em sete línguas. Eu parei em três.

De volta à minha picape, dirijo para casa por estradas secundárias difíceis por causa da geada, por uma paisagem em preto e branco de árvores sem folhas e campos cobertos de neve. Não era ali que eu me via no fim da vida. Cresci num lugar empoeirado e quente, com verões brilhantes e ofuscantes, então meu primeiro inverno no Maine foi um desafio. Aprendi a cortar lenha, dirigir no gelo e descongelar canos congelados, e aprendi que nunca se é velho demais para se adaptar. Quando eu era jovem e imaginava o cenário de uma aposentadoria perfeita, sonhava que seria em um chalé no topo de uma colina em Koh Samui ou em uma casa na árvore na Península de Osa, onde eu viveria ao som de pássaros e macacos bugios. Esses eram lugares que eu conhecia e amava, lugares para os quais, no final, não poderia fugir.

Porque era lá que eles esperariam que eu estivesse. Ser previsível é sempre o primeiro erro.

Uma notificação toca no meu celular.

Olho para a tela e o que vejo me faz pisar no freio. Vou para o acostamento e encaro as imagens. É a transmissão de vídeo do meu sistema de segurança. Alguém acabou de entrar na minha casa.

Poderia chamar a polícia local, mas eles com certeza fariam perguntas que talvez eu não queira responder. O Departamento de Polícia de Purity é composto de apenas seis policiais e, até agora, não tive nenhum motivo para interagir com eles. Quero que continue assim, mesmo que isso signifique que eu tenha que lidar com esse problema sozinha.

Volto para a estrada.

Meus batimentos já estão acelerados quando passo pela fileira de árvores de bordo e paro em frente à casa da minha fazenda. Por um momento, permaneço na picape e olho para a varanda. Tudo parece estar no mesmo lugar. A porta da frente está fechada e minha pá de neve está onde a deixei, encostada na pilha de lenha. O intruso quer me fazer acreditar que está tudo bem.

Então vou entrar no jogo.

Saio da picape e carrego o saco de batatas e a ração das galinhas até a varanda. Eu os coloco lá, deixando que caiam com um baque forte no chão. Quando pego as chaves de casa, sinto cada nervo afinado com primor, ampliando cada sensação. O farfalhar dos galhos das árvores, o gelar do vento frio no rosto.

Percebo que o fio na dobradiça da porta foi rompido.

É uma tática tão primitiva nesta era eletrônica de vigilância doméstica, mas os sistemas digitais podem falhar ou serem hackeados. Nos últimos meses, fiquei descuidada, nem sempre me preocupei em esticar aquele fio, fino como uma teia de aranha, mas o que ouvi na casa de Luther esta manhã me fez retomar essa precaução.

Destranco a porta, empurro e vejo o hall de entrada. Meus sapatos estão enfileirados embaixo do banco, meus casacos estão pendurados nos ganchos. O piso está granulado com areia e sujeira.

Até agora, tudo parece normal. À minha esquerda está a sala de estar. Dou uma olhada pela porta e vejo o sofá, as poltronas, a lenha empilhada na lareira. Nenhum intruso à vista.

Viro à direita e entro na cozinha, evitando a tábua do assoalho que sempre range. Vejo minha xícara de café e a louça do café da manhã na pia, cascas de toranja no balde de compostagem. Grãos de açúcar derramados brilham na mesa. Tudo está como deixei, exceto uma coisa: o cheiro de um xampu desconhecido.

Aquela tábua chata do assoalho range atrás de mim. Eu me viro e encaro a intrusa.

Ela é jovem, esbelta, e se move com a graça de uma atleta. Tem trinta e poucos anos, cabelos pretos lisos e franja rala, olhos escuros, maçãs do rosto protuberantes. Ela parece estranhamente tranquila, apesar do cano da minha pistola, que tenho carregado desde a minha conversa com Callie esta manhã, estar agora apontado para o seu peito.

— Olá, Maggie Bird — ela diz.

— Acho que não nos conhecemos.

— Por que escolheu esse nome?

— Por que não?

— Deixa eu adivinhar. Bird de pássaro? Como ser livre como um pássaro?

— Sonhar não é crime.

Ela puxa uma cadeira. Senta-se em frente à mesa da cozinha e, despreocupada, afasta os grãos de açúcar que derramei no café da manhã, parecendo não se importar com o fato de eu estar com o dedo no gatilho para atirar nela.

— Não tem necessidade disso — ela diz, acenando com a cabeça para minha arma.

— Quem decide isso sou eu. Estou olhando para alguém que entrou na minha casa sem ser convidada. Não tenho ideia de quem você é ou por que está aqui.

— Pode me chamar de Bianca.

— É seu nome mesmo ou é um codinome?

— Faz diferença?

— A polícia vai precisar de um nome para o cadáver.

— Ah, para com isso. Estou aqui porque temos um problema. E precisamos da sua ajuda.

Eu a olho por um momento, observando os ombros relaxados e as pernas magras e compridas, agora cruzadas bem à vontade. Ela não está nem olhando

para mim; em vez disso, está cutucando uma unha encravada como quem não quer nada.

Eu me sento em frente a ela e coloco minha arma na mesa.

Ela dá uma olhada na arma:

— Entendo por que precisa disso. Você tem fama de não confiar nas pessoas.

— Tenho fama?

— Foi por isso que me mandaram aqui. Acharam que se sentiria menos ameaçada por uma mulher.

— Já que sabe tanto sobre mim, também deve saber que não estou mais na ativa. Crio galinhas. Gosto de criar galinhas. — Não há sequer um sorriso em seus lábios. Ela não tem senso de humor, movida por profissionalismo, uma mulher com uma missão a cumprir. Pelo visto, o recrutamento da Agência ficou bem mais exigente do que era na época em que trabalhei lá. — Não sei por que te mandaram aqui — digo. — Mas agora que você já me viu, sabe que não estou mais no meu auge e também estou enferrujada. Não estou interessada em fazer mais nenhum trabalho para eles.

— No caso, teria um pagamento envolvido.

— Já tenho dinheiro suficiente.

— Pode ser uma boa quantia.

— Sério? Não sou muito adepta do capitalismo.

— Essa tarefa vai ter um significado especial para você.

— Continuo não interessada. — Me levanto da cadeira, mesmo que levantar tão rápido faça meu joelho doer, sou orgulhosa demais para deixá-la me ouvir gemer ou me ver fazendo uma careta. — Vou te acompanhar até a saída. Diga a eles que da próxima vez que mandarem alguém para falar comigo, que essa pessoa pelo menos bata na porta, como qualquer visitante normal faria.

— Diana Ward sumiu.

Fico imóvel. Eu a encaro por um instante, tento ler suas expressões faciais, mas tudo o que vejo é uma perfeição fria e um rosto totalmente inexpressivo.

— Viva ou morta? — pergunto.

— Não sabemos.

— Onde foi vista pela última vez?

— Fisicamente? Em Bangkok, uma semana atrás. Depois disso sumiu, e o celular dela ficou fora de área.

— Faz anos que ela se aposentou. Deixou a Agência logo depois de mim. Por que estão preocupados em saber onde ela está agora?

— Estamos preocupados com o bem-estar dela. Na verdade, estamos preocupados com todos que estiveram envolvidos na Operação Cyrano.

Não consigo esconder minha reação ao ouvir essas duas palavras. Sinto o choque reverberar pelos ossos, forte como um traumatismo craniano.

— Por que isso está vindo à tona agora?

— Houve uma violação recente dos serviços de informação automatizados da Agência. Esse acesso não autorizado disparou um alerta, mas o único arquivo que o invasor acessou foi o da Operação Cyrano.

— Essa operação aconteceu dezesseis anos atrás.

— E as informações permaneceram confidenciais, para a segurança de todos os envolvidos. Mas agora, temo que seus nomes possam ter vazado, e é por isso que estamos rastreando todos vocês, para verificar se estão bem. Para ver se estão precisando de ajuda. Pra ser sincera, nunca me passou pela cabeça que viessem parar em um lugar como este. — Ela olha em volta, para minha mesa de pinho, para a prateleira pendurada com panelas de ferro fundido. Lá fora começou a nevar, e flocos grossos rodopiam do lado de fora da janela, o tipo de neve que é uma delícia para se andar. Bianca não parece ser uma mulher que se encanta com flocos de neve.

— Como pode ver, estou morando aqui e tenho um novo nome — digo a ela. — Estou perfeitamente segura.

— Mas Diana pode estar com problemas.

— Diana com problemas? — Dou risada. — Pode apostar que está. Mas ela é durona e consegue se cuidar muito bem. Agora, se é só isso que veio perguntar, está na hora de ir embora. — Vou até a porta da frente e a abro com um puxão. Apesar do ar frio que entra, eu a mantenho aberta, esperando minha visita indesejada sair.

Bianca enfim entra na varanda e se vira para me olhar.

— Nos ajude a encontrá-la, Maggie. Deve saber para onde ela foi. Vocês trabalharam juntas.

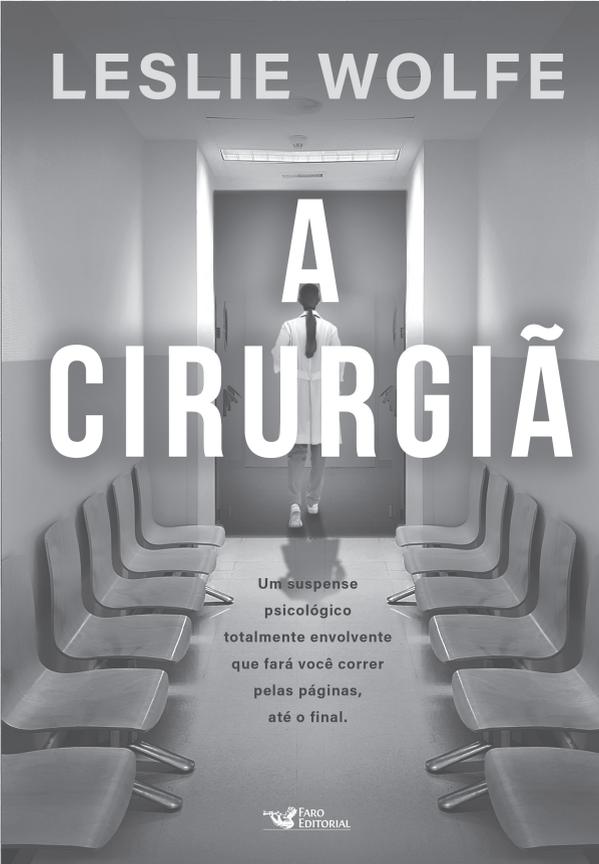
— Dezesseis anos atrás.

— Mesmo assim, você deve conhecê-la melhor do que ninguém.

— Sim, tem razão. Devo conhecer. É por isso que não dou a mínima para o que acontecer com ela — digo e fecho a porta na cara dela.

LEIA TAMBÉM

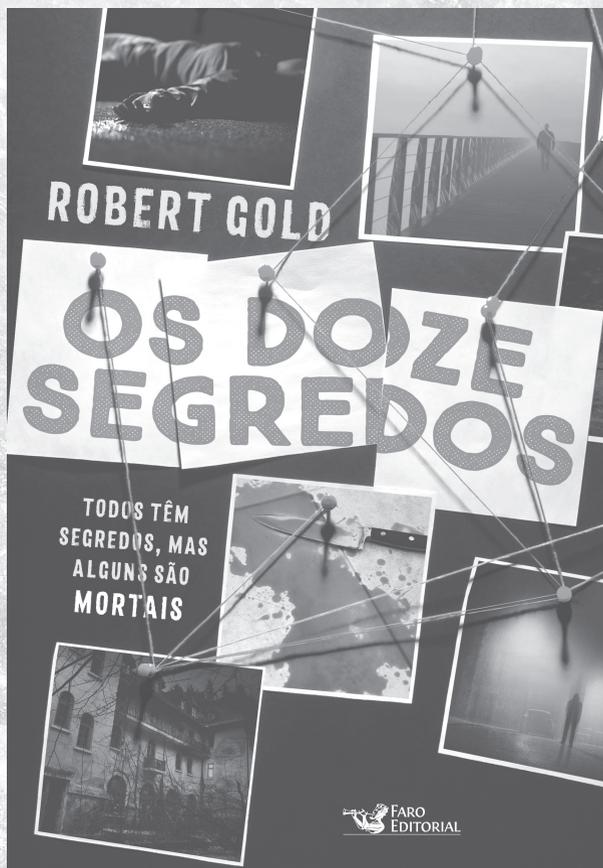
LESLIE WOLFE



A
CIRURGIÃ

Um suspense
psicológico
totalmente envolvente
que fará você correr
pelas páginas,
até o final.

FARO
EDITORIAL

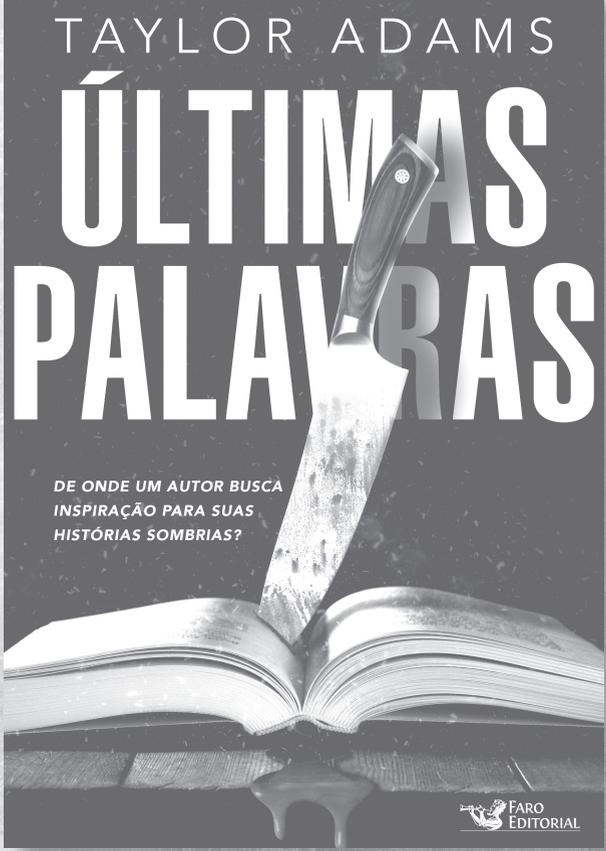


ROBERT GOLD

OS DOZE SEGREDOS

TODOS TÊM SEGREDOS, MAS ALGUNS SÃO MORTAIS

FARO EDITORIAL

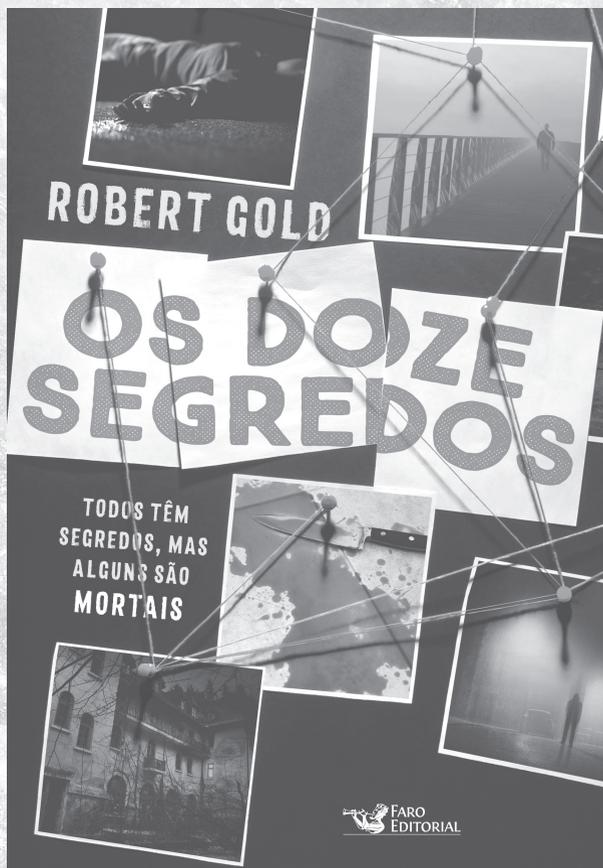


TAYLOR ADAMS

ÚLTIMAS PALAVRAS

DE ONDE UM AUTOR BUSCA
INSPIRAÇÃO PARA SUAS
HISTÓRIAS SOMBRIAS?

FARO
EDITORIAL



FARO
EDITORIAL

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM OUTUBRO DE 2024**